

Caminhos para pensar sobre a midiatização da guerra entre Rússia e Ucrânia em capas de jornais de Brasil e Suécia¹

Camila Hartmann²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O texto aborda aspectos de uma pesquisa em andamento acerca da midiatização do conflito russo-ucraniano em capas de dois jornais representativos da mídia de referência brasileira (Folha de S.Paulo) e sueca (Dagens Nyheter). Com o aporte metodológico da semiótica discursiva, ao estudar os elementos verbovisuais engendrados na materialidade discursiva das capas do jornal brasileiro e do jornal sueco a par de seus contextos produtivos, empenhamo-nos em desvelar como a guerra é discursivizada desde realidades tão distintas e distantes. Assim, ansiamos identificar o padrão de noticiabilidade construído sobre o conflito russo-ucraniano pela mídia brasileira e pela mídia sueca.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; midiatização; guerra; Rússia; Ucrânia.

Nossa investigação estuda a midiatização da guerra entre a Rússia e a Ucrânia em capas de um jornal brasileiro e de um jornal sueco. Trata-se de uma abordagem comparada, apontando similaridades e diferenças, entre as capas de Brasil e Suécia. Representativos da mídia de referência de seus respectivos países, analisamos como o jornal Folha de S.Paulo (Brasil) e o jornal Dagens Nyheter (Suécia) noticiam a guerra a par de seus contextos de produção. O corpus é formado por capas impressas publicadas pelos referidos jornais durante o primeiro ano do conflito: 24 de fevereiro de 2022 até 24 de fevereiro de 2023.³

Dados relativos ao primeiro ano da guerra indicam que esta já constitui a maior crise militar na Europa desde a segunda guerra mundial (Ladeira; Gutierrez, 2022). É um dos maiores deslocamentos humanitários já testemunhados pela humanidade – 35% dos ucranianos abandonaram suas casas (mais de 13 milhões de pessoas), incluindo quase 8 milhões de refugiados por toda a Europa e mais de 5 milhões de deslocados internos na Ucrânia; 60% de sua população vive agora no limiar da pobreza (Ladeira, 2023; Prange,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutoranda no Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, email: camilahartmann@hotmail.com.br.

³ Há abordagens que assumem que a guerra entre Rússia e Ucrânia teria se iniciado anteriormente, em 2014, por exemplo. Para fins de análise, definimos o momento inicial a partir do confronto mais recente, deflagrado a partir da chamada operação militar espacial russa contra a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022.

2023; Um ano após..., 2023). No tocante à Rússia, as estimativas do número exato de migrantes variam entre 500 mil e 1 milhão de pessoas (Cardoni, 2022).

Segundo a Organização Mundial das Nações Unidas (ONU), pelo menos 18 mil pessoas foram mortas ou feridas durante 11 meses de guerra – os dados são de janeiro de 2023 (Pelo menos 18..., 2023). Há uma enorme discrepância nas informações acerca das mortes: o contingente varia de 7 mil, ademais de 11 mil feridos, de acordo com a ONU, que reconhece que a subnotificação torna os números reais possivelmente bem maiores que os divulgados, a 300 mil, conforme fontes militares e/ou independentes consultadas por mídias europeias (Peduzzi, 2023; Pelo menos 18..., 2023; Russia taken 180,000..., 2023).

A relevância de pesquisar acerca da temática da guerra russo-ucraniana no Brasil passa por considerar nossa constituição enquanto país multiétnico que abriga, além de refugiados, comunidades de imigrantes russos e ucranianos. A região sul se destaca: além de um número expressivo de imigrantes russos sitiados em Campina das Missões, no interior do estado do Rio Grande do Sul, há uma colônia ucraniana no Paraná – Prudentópolis, que inclusive é referida em algumas capas da Folha de S.Paulo que integram o corpus.

O Brasil abriga a maior comunidade ucraniana da América Latina, a quarta maior do mundo (TV Brasil, 2022; Luz, 2018). Conforme a Representação Central Ucrâniano-Brasileira, dos cerca de 600 mil ucranianos e seus descendentes que vivem no Brasil, 80% está em Prudentópolis; dados da prefeitura do município apontam que dos 52 mil habitantes, cerca de 39 mil são descendentes de ucranianos, ou seja, 75% (Budel, 2022).

A seu turno, a Embaixada da Federação Russa no Brasil aponta que existem 35 mil russos vivendo no Brasil (Veiga, 2022). Campina das Missões é a cidade que abriga a maior comunidade russa no país – aproximadamente 25% da população (em torno de 1.500 pessoas) tem parentesco com a Rússia. Vale dizer também que há muitas mulheres russas grávidas vindo ao Brasil para dar à luz; o chamado turismo de parto cresceu com a eminência da guerra (Braun, 2023) – tal temática também aparece nas capas do jornal brasileiro.

Há que se considerar que a guerra entre Rússia e Ucrânia vem sendo travada num ambiente comunicacional mediatizado (Bolin; Ståhlberg, 2023). Entendemos que os conflitos, hodiernamente, são desenvolvidos e atravessados pela mediação: “o

surgimento das mídias digitais tem intensificado e alterado as inter-relações entre mídia e conflito no ambiente de mídia global e convergente de hoje” (Eskjaer; Hjarvard; Mortensen, 2015, p. 3, tradução nossa). Assume-se, então, que a midiatização altera nossas formas de vivenciar situações de guerra (Hoskins; O’Loughlin, 2015), bem como tantas outras experiências e interações que se reconfiguram ao passo que se complexifica o seu imbricamento no tecido social.

Correlata às distintas modalidades da comunicação e suas repercussões sobre o social, a pesquisa em midiatização se pratica desde abordagens bastante diversificadas. Sem qualquer pretensão de exauri-las, nosso foco recai sobre as perspectivas diferenciadas em construção na América Latina e na Europa. Em linhas gerais, podemos distinguir as tradições teóricas em três grandes grupos: estudos desenvolvidos no Brasil e na Argentina, herdeiros das premissas de Eliseo Verón, e as abordagens institucional e socioconstrutivista empreendidas na Europa (Hjarvard, 2008; Hepp, 2014; Braga, 2015).

Dito isso, sumariamente, assumimos a midiatização como um processo contínuo, de vasta complexidade e cujo desenvolvimento é potencializado ao passo que a externalização dos elementos de produção social de sentidos, através de materialidades técnicas, se torna cada vez mais multifacetada. Trata-se de um processo que sinaliza a incidência do campo midiático sobre os modos de interação social, intervindo na apreensão da experiência e condicionando o exercício de múltiplas práticas desde a propagação e convergência de novos protocolos sociotécnicos.

Concebemos que a midiatização se dá de diversas formas e assume características distintas no tempo e espaço de cada sociedade. Fazemos, portanto, coro a Lelo (2021, p. 4) quando propõe uma agenda investigativa que assegure “o caráter espacialmente referenciado do fenômeno da midiatização, uma vez que a paulatina incorporação de novos dispositivos tecno-comunicacionais configura um processo ambivalente, que distribui desigualmente suas benesses à sociedade”.

Todo esse entorno contextual envolvendo a imigração russa e ucraniana no Brasil articulado à ordem comunicacional vigente em tempos de midiatização tem suas implicações na construção da cobertura jornalística. O estabelecimento de um padrão de noticiabilidade para discursivizar sobre o conflito passa por questões circunstanciais que não se limitam ao que está dito. A noticiabilidade diz respeito às condições de trato dos acontecimentos, aquelas que presidem a elaboração de uma pauta, a definição de sua

angulação e a eleição de fontes e dos fatos a cobrir (Schudson, 1988; Traquina, 2013). Ela trata da compreensão de uma ordem noticiosa que reproduz a percepção de uma dada ordem social (Hartmann; Silveira, 2018).

Assim, a noticiabilidade versa sobre o modo como o jornalismo organiza e opera os sentidos sociais, e esse processo é uma construção sempre relativa a um determinado contexto, daí a importância desse conceito ao se desenvolver estudos comparativos. A elaboração da cobertura jornalística sobre a guerra em Folha de S.Paulo e Dagens Nyheter se orienta por critérios de noticiabilidade distintos, considerando a realidade, por um lado, de Brasil e, de outro, a Suécia. A distância geográfica de cada país em relação ao conflito é um fator primordial que demarca tal diferenciação. Nosso aparato metodológico, recordando, da semiótica discursiva, oportuniza analisar a imbricação entre os processos sociais e discursivos (Greimas, 1979; 2014; Barros, 2005).

Entendemos que a materialização discursiva do padrão de noticiabilidade adotado por um veículo jornalístico se põe de manifesto de modo singular em sua capa, visto a sua responsabilidade como meio auto-anunciativo da publicação. Capas jornalísticas são aquelas que veiculam conteúdo jornalístico, a exemplo de capas de revistas e jornais e diversamente de uma capa de disco, livro ou outras publicações.

A capa jornalística pode ser tomada como estrutura alegórica, a bola da vez na mídia esportiva, a cara e o coração da publicação. Mesclando aspectos publicístico-promocionais e editorialísticos, a capa expõe o posicionamento editorial a partir do julgamento de práticas culturais, econômicas e sociais e envolve o significado maior que o conjunto de matérias enfeixa naquela edição (Hartmann; Silveira, 2018). Na qualidade de primeiro componente de uma publicação, a capa se configura como espaço institucionalizado para criar e compartilhar valores sobre os veículos que anuncia (Fausto Neto, 1994; Cunha, 2019).

Um levantamento quantitativo das menções ao conflito nas capas dos jornais que compõem o corpus indica que a guerra russo-ucraniana recebe um destaque muito maior nas capas do jornal sueco do que nas capas do jornal brasileiro: menos de 40% das capas da Folha de S.Paulo trouxeram algum aspecto relacionado à guerra no período abrangido pela análise; enquanto que as capas do Dagens Nyheter a mencionaram 70% das vezes. A análise qualitativa, ainda em andamento, indica o mesmo, ou seja: nossos conflitos são outros. As capas da Folha de S.Paulo dão a ver que os conflitos internos do Brasil, os

problemas que enfrentamos com criminalidade, pobreza e fome, mencionando somente alguns, mereceriam mais espaço na cobertura jornalística do que a guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Essa compreensão fundamenta-se no entendimento dos critérios que orientam a produção jornalística de um jornal brasileiro e de um jornal sueco diante do conflito em voga. Os critérios de noticiabilidade, naturalmente, diferem entre si, implicando que outra gramática ou percepção de conflitos prevaleceria no Brasil – uma realidade que poderia ser definida como uma guerra híbrida ou guerra informacional, não necessariamente caracterizada pelo conflito armado, por tanques e bombas, mas com procedimentos conflituosos densamente nutridos pela polarização política e as decorrentes bolhas de desinformação que se disseminam através de plataformas digitais.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- BOLIN, G.; STÅHLBERG, P. **Managing Meaning in Ukraine: Information, Communication, and Narration Since the Euromaidan Revolution**. Cambridge: MIT Press Open, 2023.
- BRAGA, J. L. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização? In: FAUSTO NETO, A.; ANSELMINO, N. R.; GINDIN, I. L. (Orgs.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosario: UNR Editora, 2015. p. 15-32.
- BRAUN, J. Por que cada vez mais russas viajam ao Brasil para dar à luz 2023. **BBC Brasil**, Londres, 25 mar. 2023. Disponível em: [abre.ai/jdvP](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64111111).
- BUDEL, C. Como imigrantes e descendentes consolidaram Prudentópolis como a Ucrânia brasileira. **G1**, São Paulo, 2 mar. 2023. Disponível em: [encurtador.com.br/rKPZ9](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2023/03/02/como-imigrantes-e-descendentes-consolidaram-prudentopolis-como-a-ucrania-brasileira.ghtml).
- CARDONI, P. A guerra da Ucrânia em números, um ano depois. **Veja**, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: [encurtador.com.br/ryDR6](https://veja.abril.com.br/brasil/a-guerra-da-ucrania-em-numeros-um-ano-depois/).
- CUNHA, K. M. R. da. Sobre as capas: notícias e produtos à venda na primeira página. In: HRENECHEN, V. C. de A. T. (Org.). **Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências 3**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 100-112.
- ESKJAER, M.F.; HJARVARD, S.; MORTENSEN, M. (Orgs.). **The dynamics of mediatized conflicts**. New York: Peter Lang, 2015.
- FAUSTO NETO, A. Vozes do impeachment. In: MATOS, H. (Org.). **Mídia, eleições e democracia**. São Paulo: Página aberta, 1994. p. 159-189.
- GREIMAS, A. J. As aquisições e os projectos (prefácio). In: COURTÉS, J. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Coimbra: Almedina, 1979.
- GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. São Paulo: Nankin, Edusp, 2014.

HARTMANN, C.; SILVEIRA, A. C. M. Convertendo a exclusão social em notícia: a visibilidade da periferia em capas de revista. In: MENDONÇA, C. M. C. et al. (Orgs.). **Mobilidade, espacialidades e alteridades**. Salvador/Brasília: EdUFBA/Compós, 2018. p. 201-220.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiaticização na era da “mediação de tudo”. **MATRIZES**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014.

HJARVARD, S. The Mediatization of Society. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008.

HOSKINS, A.; O’LOUGHLIN, B. Arrasted war: the third phae of mediatization. **Information, Communication & Society**, v. 18, n. 11, p. 199-126, 2015.

LADEIRA, S. 1 ano de guerra na Ucrânia: entenda as diferentes fases da invasão russa. **G1**, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: [acesse.one/jZBGf](https://www.globo.com/brasil/geral/1-ano-de-guerra-na-ucrania-entenda-as-diferentes-fases-da-invasao-russa/g1).

LADEIRA, S.; GUTIERREZ, F. 2022. Guerra na Ucrânia completa um mês: veja o estado atual da invasão russa e cenários para o futuro. **G1**, São Paulo, 24 mar. 2022. Disponível em: [acesse.one/99GvK](https://www.globo.com/brasil/geral/guerra-na-ucrania-completa-um-mes-veja-o-estado-atual-da-invasao-russa-e-cenarios-para-o-futuro/g1).

LELO, T. V. A midiaticização em perspectiva crítica. **Galáxia**, n. 46, p. 1-16, 2021.

LUZ, R. P. D. Memorial da Imigração Ucraniana em Curitiba. **Cronicas Macaenses**, 15 nov. 2018. Disponível em: [11nq.com/jkfmk](https://www.11nq.com/jkfmk).

PELO MENOS 18 mil pessoas morreram ou ficaram feridas em 11 meses de guerra na Ucrânia. **ONU News**, 24 jan. 2023. Disponível em: news.un.org/pt/story/2023/01/1808627.

PRANGE, A. A guerra na Ucrânia em números. **Deutsche Welle**, Berlim, 24 fev. 2023. Disponível em: [encurtador.com.br/cwDM4](https://www.encyrtador.com.br/cwDM4).

RUSSIA TAKEN 180,000 dead or wounded in Ukraine: Norwegian army. **France 24**, Oslo, 22 jan. 2023. Disponível em: <https://www.france24.com/en/live-news/20230122-russia-taken-180-000-dead-or-wounded-in-ukraine-norwegian-army>.

SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são? **Comunicação e Linguagens**, v. 8, p. 17-27, 1988.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, v. 2, 3 ed. 2013.

TV BRASIL. Brasil tem a quarta maior comunidade ucraniana do mundo. [YouTube: 28 fev. 2022], 2022. 1 vídeo. (2min 40seg). Publicado pelo canal TV Brasil. Disponível em: [youtube.com/watch?v=sK924-2hFLg](https://www.youtube.com/watch?v=sK924-2hFLg).

UM ANO APÓS invasão russa, insegurança dificulta intenções de retorno de ucranianos, diz ACNUR. **ACNUR**, 23 fev. 2023. Disponível em: [encurtador.com.br/tIQT5](https://www.encyrtador.com.br/tIQT5).

VEIGA, E. Da comida à religião: as semelhanças entre Rússia e Brasil. **BBC**, São Paulo, 14 fev. 2022. Disponível em: [encurtador.com.br/GN269](https://www.encyrtador.com.br/GN269).